

**“Porta-vozes da Romanização”:
Capuchinhos em missões populares em Sergipe (1901-1923)¹**

Tatiane Oliveira da Cunha*

RESUMO: O presente trabalho estuda as missões populares ocorridas em Sergipe, no período de 1901 a 1923, realizadas pelo missionário Frei Caetano de San Leo e seus companheiros Capuchinhos. Nas santas missões eles instruíam o povo nas verdades da fé através da penitência e dos sacramentos. Interferia, de igual modo, na maneira de ser dos fiéis, propondo novas forças de sociabilidades, de convívio na família e na comunidade. Essas missões estão inseridas em um contexto mais geral das transformações ocorridas no Catolicismo, a partir do processo de romanização, que visava transplantar as práticas européias para Igreja no Brasil.

Palavras-chave: Capuchinhos, Catolicismo, Romanização.

ABSTRACT: The present paper studies the popular missions hidden in the state of Sergipe (Brazil), from 1901 to 1923, accomplished by the missionary Frater Caetano de San Leo and his fellow capuchins (monk of the austere branch of the Franciscan order). In the holy missions they instructed the people in the truths of faith through penance and the sacraments. In the same way he interfered in believers' way of life by suggesting new social power into family and community. These missions are inserted in the general context of the transformations which occurred in the catholicism from the romanization process which aimed to impute European practices to Brazilian churches.

Keywords: Capuchins, Catholicism, Romanization.

De acordo com Cristina Pompa, a história das missões no Brasil teve início com a chegada dos jesuítas em 1549. Esses vieram com a comitiva do primeiro governador geral da colônia, Tomé de Souza e chefiados por Manuel da Nóbrega. Algumas décadas depois chegaram os carmelitas descalços (1580), os beneditinos (1581) e em 1584 os franciscanos. Somente no século XVII, as ordens dos oratorianos (1611), os mercedários (1640) e os capuchinhos (1642) deram início à obra missionária no Brasil (POMPA, 2003: 295).

Conforme Frei Gregório de S. Marino, “a Ordem dos Capuchinhos é um dos ramos da grande árvore Franciscana. Sua origem é devido ao desejo de uns religiosos de voltar à observância rigorosa da Regra de S. Francisco, chefiados pelo B. Mateus de Basci” (MARINO, 1950:511). Ainda segundo o autor, a Igreja passou a reconhecer legalmente como

1 Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe que teve como orientador o professor Dr. Antonio Lindvaldo Sousa. A pesquisa continua em andamento sob orientação da professora Dr^a Edilece Souza Couto da Universidade Federal da Bahia.

* * Graduada em História, especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe, mestranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia e professora das Redes Estadual em Sergipe e Municipal em Ribeirópolis/Se.

uma Ordem independente da Franciscana em 1528. Durante o século XVI, foi multiplicada a quantidade de conventos, primeiro na Itália, e gradativamente na França, Espanha, Alemanha, e em quase toda a Europa. Passaram a missionar na Ásia e na África, especialmente nas colônias de Portugal, São Tomé, Angola, entre outras.

Em se tratando da Ordem Capuchinha, verifica-se, ainda segundo Pompa, que “a historiografia capuchinha tende a excluir de sua história oficial no Brasil o episódio dos capuchinhos franceses no Maranhão, na segunda tentativa de fundar uma colônia francesa, (...), entre 1612 e 1615” (POMPA, 2003:301). A data referente à chegada da missão no Brasil, está estabelecida em 1642, quando chegou a Pernambuco um grupo de missionários franceses capturados pelos holandeses em São Tomé.

De acordo com Frei Carlos Albino Zagonel, os frades franceses da Província da Bretanha chegaram à Bahia por volta de 1670, enviados pela Propagação da Fé. Esses trabalharam às margens do Rio São Francisco, dando assistência aos índios através dos aldeamentos (ZAGONEL, 2001: 216). Os Capuchinhos franceses permaneceram no Brasil até 1702, ano em que foram expulsos, por ordem régia. Mas a Ordem dos Capuchinhos não tardou a missionar no Brasil. “Alguns anos depois, sob a insistência da família d’Ávila e do próprio governador geral do Brasil, a coroa decidiu, em 1709, chamar os capuchinhos italianos (...) para assistir nas missões do São Francisco”(POMPA, 2003: 313).

A congregação da Propagação da Fé entregou as missões da Bahia aos Capuchinhos italianos que tomaram posse do Convento (Hospice) da Piedade. Esse além de servir como hospedagem para os missionários, cansados das andanças ou adoentados, tornou-se uma espécie de Procuradoria Geral para todas as missões das colônias lusas na África e na América (ZAGONEL, 2001: 218).

Desde a chegada dos Capuchinhos ao Brasil, as Missões eram providas por missionários de diversas Províncias da Itália ou de outros países. Esses eram encaminhados ao Brasil pelos Superiores Gerais e pela Congregação da Propagação da Fé. Mas de acordo com o novo “Estatuto das Missões” (1877) as Províncias seriam responsáveis pelas Missões e deviam implantar a Igreja local e a própria Ordem na região (ZAGONEL, 2001:219). É o “caráter inovador do *Statutum* que abre a estrada para uma verdadeira ampliação da Ordem nas terras de missão” (REGNI, 1991: 27).

A Missão da Bahia foi entregue à Província das Marcas de Ancona na Itália através do decreto de 9 de fevereiro de 1892, expedido pela Santa Sé. A partir dessa data se inicia o novo curso da história missionária da Bahia e de Sergipe, confiada ao empenho e zelo dos capuchinhos da Província das Marcas de Ancona (REGNI, 1991: 45). É a partir desse

episódio que “as Missões populares são a melhor contribuição dos missionários capuchinhos” (ZAGONEL, 2001:219). Esses, na maioria das vezes acompanhados, passaram a realizar as Missões em diversas localidades da Bahia e Sergipe.

O presente trabalho estuda as missões populares realizadas por Frei Caetano de San Leo e seus companheiros Capuchinhos Gabriel de Cagli, Camilo Crispiero e Agostinho de Loro Piceno em Sergipe nas primeiras décadas do século XX. Essas missões estão inseridas em um contexto mais geral das transformações ocorridas no Catolicismo. A Igreja Católica, durante o período escolhido para este trabalho, ainda estava passando pelo processo de romanização. Assim, gradativamente passava por transformações que afetava à instituição e aos fiéis.

Para Euclides Marchi, a romanização “depreende-se o processo de centralização do poder eclesiástico na figura do papa, o qual organiza e ordena um programa de reformas que afeta a estrutura da Igreja Universal e as manifestações locais” (MARCHI, 1989: 11). Como parte desse processo de mudanças na Igreja Católica, através das quais cada localidade deveria seguir as normas estabelecidas pelo Papa, as “práticas culturais” do clero também passam por transformações, ou seja, o clero passa a atuar na comunidade com mais frequência. Passa a reformar a estrutura física da igreja, a comprar novos objetos, a atender espiritualmente os fiéis e também a organizar Santas Missões.

De acordo com Riolando Azzi a reforma católica foi um movimento liderado pelo episcopado do Brasil. Mas esse empreendimento se deve em grande parte à colaboração de religiosos vindos da Europa. Destacam-se em diversas dioceses do Brasil os frades capuchinhos, as filhas de caridade e os padres da missão ou lazaristas. (AZZI, 1984: 29)

Qual a importância das Santas Missões realizadas pelos missionários europeus, especificamente os Capuchinhos, nesse processo de romanização? Qual a função exercida pelo missionário Capuchinho, Frei Caetano de San Leo e seus companheiros em Sergipe, como “representante” da Igreja no período de 1901 a 1923?

Essas questões serão analisadas nesse trabalho segundo a inspiração de Michel de Certeau. Para Certeau “fazer história é estabelecer uma relação com o tempo” (CERTEAU, 2002:127). Essa afirmativa nos faz pensar a atuação Capuchinha pertencente a um tempo da Igreja Católica, o processo de romanização. No entanto, a atuação de Frei Caetano de San Leo e companheiros nas comunidades em Sergipe vai além daquilo que eles “representavam” como integrantes da Igreja institucional hierárquica. Esses “homens comuns” na experiência cotidiana, através de suas práticas, inserem-se na comunidade e passam a vivenciar os

costumes e da mesma forma que ensinam os sacramentos e as normas instituídas pelo catolicismo romanizador “passam” a fazer parte dela.

A partir da leitura de Certeau podemos compreender que tanto o pároco, quanto o missionário e também as pessoas que participam das missões são sujeitos humanos que agem no mundo, ou seja, estão inseridos na comunidade em que atuam e são protagonistas da sua história. Assim, da mesma forma que o missionário ensina e transmite as normas da Igreja Católica, também passa a aprender com a comunidade. O europeu italiano passa a aprender a língua usada no Brasil, seja os dialetos indígenas, para aqueles que missionaram nos aldeamentos, ou a língua portuguesa, para aqueles que trabalharam nas missões itinerantes.

Para Certeau o “homem ordinário”, aquele que inventa o cotidiano, graças às artes de fazer, utiliza astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais modifica os códigos, reapropria-se do espaço e do uso a seu jeito (CERTEAU, 1994:97-102). Assim, o homem comum que participava das missões se apropriavam a sua maneira.

Por isso, “as Missões e Semanas Santas não representavam, apenas, momentos de construção ou de reforço das ‘lições’ de boa conduta e de civilidade do homem, considerado rude” (SOUSA, 2005:5). Esses eventos religiosos também ajudariam a diminuir a violência cotidiana da população. Nas palavras de Antonio Lindvaldo Sousa,

essas atividades se constituíam, também, em “espaços” de transmissão de ensinamentos a respeito do pecado, da moral, do julgamento e do inferno. Esses ensinamentos povoariam o imaginário da população, “ajudando” a evitar a violência extrema (SOUSA, 2005: 5).

Mas os ensinamentos dos Capuchinhos não representavam apenas a norma eclesiástica. No cotidiano, a experiência religiosa “representava” muito mais do que os ensinamentos espirituais. Atendia as necessidades da população que, além de “ficarem livres” dos pecados através da penitência, também construíam obras comunitárias de grande utilidade cotidiana.

Para Roger Chartier, toda a obra de Certeau como historiador baseava-se na análise precisa e atenta “as práticas através das quais os homens e as mulheres de uma época apropriaram-se, à sua maneira, dos códigos e dos lugares que lhes são impostos, ou então subvertem as regras aceitas para compor formas inéditas” (CHARTIER, 2002:160). Para ele, Certeau lembrava que o “homem comum” tem artifícios e refúgio diante dos empreendimentos que queiram desapossá-lo e domesticá-lo” (CHARTIER, 2002:161).

Veremos que os “homens comuns” das comunidades sergipanas por onde Frei Caetano realizou missões populares também “apropriaram-se” das atividades de diversas maneiras.

De acordo com o Livro de Registro das Missões e Retiros (1712-1980) podemos observar que a quantidade de missões populares realizadas no estado de Sergipe aumentou consideravelmente a partir de 1892, ano em que os capuchinhos da Província das Marcas de Ancona, na Itália passaram a realizar seu trabalho missionário na Bahia e em Sergipe. Os Capuchinhos das Marcas diferentemente dos Capuchinhos franceses que se dedicaram especificamente ao trabalho missionário em aldeamentos indígenas, passaram a se dedicarem às missões populares em diversos lugares desse Estado e da Bahia.

Antes de 1892 os frades que mais vieram a Sergipe foram: Frei João Evangelista e Frei Paulo Casa Nova. Eles foram companheiros até essa data em missões por Lagarto, Gerú, Vila Riachuelo, Itabaiana, Capela, Santo Amaro e Monte Alegre. Também realizaram missões na maioria das vezes em companhias de outros frades.

Somados a eles os missionários que mais visitaram Sergipe em missões estão: Frei Gabriel de Cagli, Frei Camillo de Crispiero, Frei Francisco de Urbania e Frei Caetano de San Leo, “nosso guia”² nesse trabalho. O mais interessante é que além da grande quantidade de missionários que andaram por solo sergipano, as missões se distribuíam por todo o Estado, em áreas consideradas como sertão, agreste e litorânea. E eram realizadas em cidades, vilas e também povoados. Em 1916, por exemplo, Frei Caetano de San Leo, realiza missões em Saco do Ribeiro e Capunga, povoados que estavam ligados territorialmente a Itabaiana nessa data.

Em sua tese, Sousa chama atenção ao fato de entre tantos povoados que Itabaiana possuía em 1916, o bispo D. José Thomaz ter “escolhido” Saco do Ribeiro e Capunga para estender a sua visita pastoral. Esse fato demonstra a atuação do padre Vicente Francisco de Jesus nas localidades. Em se tratando de Saco do Ribeiro o autor afirma:

Quase dois anos após a “Visita Pastoral” de D. José à freguesia de Itabaiana, Vicente deu continuidade aos seus trabalhos de “desenvolvimento” da vida religiosa naquele povoado: iniciou a edificação da capela, organizou as primeiras sessões do Apostolado da Oração e promoveu a entronização do Sagrado Coração de Jesus em várias residências da região. Em 22 a 26 de março de 1916, depois da realização da Missão na matriz da Freguesia de Itabaiana, foi promovida uma nova Missão com a participação dos missionários capuchinhos Caetano de S. Leo e Agostinho de Loro em Saco do Ribeiro. Em suas anotações sobre as missões realizadas, Agostinho informou que, nos últimos dias da Missão, concluiu-se a construção da capela dedicada ao Coração de Jesus, filial de Itabaiana. Depois dos atos litúrgicos houve

2 Para Carlo Ginzburg, historiador italiano, o “nome” serve como “fio condutor” na pesquisa. Nesse trabalho, Frei Caetano de San Leo servirá como “guia”. Através das anotações feitas por ele durante a realização das missões populares será possível compreender melhor a atuação dos capuchinhos em Sergipe.

o trabalho coletivo do povo. “Juntou-se muita pedra para concluir a capela” e adquiriram-se muitas “esmolas para este mesmo fim”. Uma outra conquista importante dessa missão em “Saco do Ribeiro” foi acabar com a feira aos domingos (SOUSA, 2005: 169).

O povoado Saco do Ribeiro (Ribeirópolis/Se) é apenas um exemplo dos povoados sergipanos que foram palco de missões populares capuchinhas.

Vale ressaltar que não enfatizaremos a atuação de Frei Caetano de San Leo na Bahia. Nosso objetivo é percorrer a sua trajetória como missionário em Sergipe para identificar as localidades sergipanas que foram palco de suas missões. Para tanto, faz-se necessário compreender quem era esse missionário.

Frei Caetano de San Leo, o “frate bello” como era descrito pelos conterrâneos, nasceu em Uffuglioni, distrito de Santa Ágata Féltria, na Itália, no dia 12 de agosto de 1868. Era filho dos camponeses Salvaroti Fortunato e Rosa Renzetti. Seu nome civil era Salvaroti Luigi.

Salvaroti Luigi começa a trajetória conventual nas Escolas Seráficas ou Seminários Seráficos. Essas escolas objetivavam formar candidatos ao sacerdócio e a vocação religiosa laical com jovens, podendo ser adolescentes e até mesmo crianças. Muitos deles provinham da zona rural e não possuíam nenhuma instrução escolar básica (DIAS, 2005: 6).

Inicia a primeira etapa na formação de um religioso capuchinho aos 16 anos, quando entra para o noviciado em Camerino no dia 10 de outubro de 1884. Ao terminar o noviciado passou um tempo no convento de Civita Nova Marche. Mudou-se logo depois para Cagli, onde viveu por apenas dois anos. Em 1887 foi para Ostra, onde cursou filosofia e teologia. Em 15 de março de 1891 na cidade de Jesi, o Bispo D. Romualdo Magagnini lhe conferiu a ordenação sacerdotal. Quase três anos depois recebeu do Padre Geral, frei Bernardo de Andermatt, a patente de pregador, no dia 22 de fevereiro de 1894. Passados cinco meses, em 17 de julho obteve da Propaganda o mandato de missionário apostólico capuchinho.

Em 10 de junho de 1894, em companhia de frei Gabriel de Cagli partiu do porto de Gênova, na Itália, com destino ao Brasil. O missionário passaria a desempenhar a função sacerdotal nas missões populares da Bahia e Sergipe. Frei Caetano deu início ao ministério apostólico ao lado de Frei João Evangelista de Montermaciano, com apenas dez meses de sua chegada ao Brasil, sem possuir o domínio da língua portuguesa. Ele foi escolhido para acompanhar o primeiro grupo de missionários estudantes, enviados para renovar a missão da Bahia, recentemente sob a liderança da Província das Marcas. Em sua missão apostólica era “incansável, tinha uma linguagem correta e muita clareza na dicção.” Chegou a pregar 212 missões, 44 retiros ao povo, ao clero ou a religiosas (REGNI, 1991: 268-269).

Além de Frei João Evangelista, Frei Paulino de Fognano, Frei Jerônimo de Montefiore e Frei Venâncio de Ferrara também foram companheiros de Frei Caetano nas primeiras missões. Rapidamente passou a ser mestre e orientador dos novos missionários. Com ele, Frei Camilo de Crispiero, Frei Inocêncio de Apiro e Frei Agostinho de Loro Piceno aprenderam o difícil e árduo trabalho das missões (REGNI, 1991: 269).

Foi em 1901, que Frei Caetano, na Vila de Boquim realizou sua primeira Santa Missão em Sergipe, ainda nesse ano missiona em Simão Dias e Campo do Brito. Em 1903, continua a percorrer Sergipe, dessa vez em Vila Cristina (hoje Cristinápolis) e Gerú (hoje Tomar do Geru), capela filial de Itabaianinha. No ano de 1904 passa por Pedra Mole, pela Vila de São Paulo (hoje Frei Paulo), por Itabaiana e Siriri. Passado um ano é a vez de realizar as missões itinerantes em Pacatuba, Jaboaão (hoje Japoatã) era capela filial de Pacatuba, Sítio do Meio (hoje Muribeca) era freguesia do Aquidaban, Santo Amaro, Boquim, Riachão e Lagarto.

Ainda em 1905, em companhia de Frei Camilo de Crispiero, passa por Pedra Mole. Passados dois anos, inicia no mês de janeiro seu trabalho nesse estado na Vila de Campos (hoje Tobias Barreto), Simão Dias, Poço Verde, capela filial de Campos, Vila de Itabaianinha, Umbaúba, capela da freguesia de Itabaianinha. Em novembro do mesmo ano, realiza uma missão em Vila Cristina (hoje Cristinápolis), dessa vez em companhia de Frei Inocêncio de Apiro.

Depois de três anos, Frei Caetano retorna a missionar em Sergipe com o Frei Camilo de Crispiero. Juntos percorrem as localidades de Jaboaão, Rosário do Catete, Lagarto, Pacatuba, Sítio do Meio e Carmo (hoje Carmópolis) era capela filial do Rosário do Catete. Em janeiro de 1911, é a vez de missionar em Laranjeiras, Campo do Brito, São Paulo (hoje Frei Paulo), Vila das Dores e Malhador, capela filial de Riachuelo.

Em 1912, Frei Agostinho de Loro passa a ser o novo companheiro de Frei Caetano. Em Sergipe realizam uma missão em Divina Pastora. Passados dois anos, vão a Boquim, Arauá, Salgado. Já em 1916 visitam Itabaiana, São Vicente do Capunga e Saco do Ribeiro, povoados de Itabaiana, Capela, Riachuelo, Maruim, Rosário do Catete, Divina Pastora, Santa Rosa, Bananeira em Campo Formoso, Vila Nova e Brejão. Em 1917, realizam missões em Carrapicho e Saúde povoados de Vila Nova (hoje Neópolis), sendo que o primeiro atualmente é o município de Santana de São Francisco, Jaboaão, Pacatuba, Japarutuba, Siriri, Macambira povoado de Campo do Brito e Lagarto. Em 1918, em Anápolis e Ribeira, capela filial de Campo do Brito.

Durante o ano de 1920, Frei Caetano de San Leo, ainda em companhia de Frei Agostinho, realiza as últimas missões em solo sergipano. As localidades visitadas por Frei

Caetano, três anos antes do seu falecimento foram: Sítio do Meio (hoje Muribeca), Tamanduá, povoado de Aquidaban (hoje Graccho Cardoso) e Cumbe. Passa a realizar outras missões na Bahia. Devido aos distúrbios renais que sofria, passou por alguns meses de tratamento, o que não evitou o seu falecimento aos dias 4 de novembro de 1923.

Vejamos um pouco das realizações espirituais e materiais desenvolvidas nessas missões a partir da análise do Caderno de Memórias de Frei Caetano de San Leo. Observamos não apenas o mês e ano em que foi realizada a missão, mas também a quantidade de dias em que os missionários ficavam em cada lugar. Constatamos que na maioria das vezes a missão tinha uma duração de 7 a 8 dias. Em alguns casos 9 ou 10, a exemplo da missão realizada na Vila de Boquim que vai do dia 4 a 14 de março de 1905. Mas existem as exceções, como a missão em Itabaiana que se estende de 7 a 25 de fevereiro de 1904, a sua duração foi de 19 dias e a missão de Sítio do Meio (hoje Muribeca), que vai de 20 de fevereiro a 10 de março de 1905. Durante os anos de 1901 a 1905, Frei Caetano estava acompanhado por Frei Gabriel de Cagli. Em dezembro de 1905 começa a missionar em Pedra Mole, dessa vez acompanhado por Frei Camilo de Crispiero, que o auxilia até 1911. Em 1907 missiona em companhia de Frei Inocência de Apiro, em Vila Cristina. De 1912 a 1920, ano das últimas missões em Sergipe, estava acompanhado de Frei Agostinho de Loro Piceno.

Os resultados espirituais de cada missão realizada por Frei Caetano em Sergipe. Está dividida em comunhões, batizados, crismas e casamentos. A quantidade de pessoas que recebiam esses sacramentos ultrapassava na maioria das vezes a mil pessoas se levarmos em conta o número de comunhões, pois a mesma pessoa que comungasse poderia também receber o sacramento do casamento ou da crisma. Mesmo levando essa hipótese em consideração o número de comunhão, somado ao de batizados é quase sempre superior a mil. A quantidade dos resultados espirituais demonstra o comparecimento de muitas pessoas, que aproveitavam à festividade religiosa para concretizarem o batismo entre outros sacramentos.

Temos também os resultados materiais, que são as obras comunitárias e as esmolas angariadas. Durante a missão as pessoas carregavam pedras para construir ou consertar cemitérios, igrejas, capelas, também cavavam tanques para armazenar água e levantavam o Cruzeiro ao final da missão. Somado as obras também arrecadavam dinheiro para Igreja.

Verifica-se que nas missões os capuchinhos, “porta-vozes” da romanização instruíam o povo nas verdades da fé através da penitência e dos sacramentos. Interferia, de igual modo, na maneira de ser dos fiéis, propondo novas forças de sociabilidades, de convívio na família e na comunidade.

Nesse sentido, as “práticas”, ou melhor, as ações cotidianas nas comunidades sergipanas realizadas pela população a partir das missões são “representações” das estratégias traçadas pela Igreja no contexto de romanização, com o objetivo de transmitir os ensinamentos do catolicismo através de penitência. Contudo, em lugares onde o poder público não cumpria com as suas obrigações, as obras comunitárias não servia apenas para extirpar os pecados, mas representavam uma maneira de sobrevivência para o homem comum. Podemos exemplificar, a construção de um tanque que ao armazenar a água da chuva passaria a ser útil a população.

Muito ainda deve ser perscrutado a respeito da atuação capuchinha em Sergipe. Por isso, estamos desenvolvendo uma pesquisa mais detalhada que servirá para defesa da dissertação de mestrado em História Social pela Universidade Federal da Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Riolando. D. Romualdo Antônio de Seixas, Arcebispo da Bahia (1827-1860) e o movimento de reforma católica no Brasil. In: AZZI, Riolando & SILVA, Cândido da Costa e. **Dois estudos sobre D. Romualdo Antônio de Seixas, Arcebispo da Bahia**. Salvador: UFBA / Centro de Estudos Baianos, p. 17-38, 1984.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

___ “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico”. *Estudos Históricos*, vol. 8, nº. 16, Rio de Janeiro, 1995, pp. 179-192.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

___ **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim F.Alves. RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Tatiane Oliveira da. **O “retorno” do Padre Vicente: Memória e Poder na criação do Distrito Paz Saco do Ribeiro (1927)**. Monografia São Cristóvão/SE: UFS, 2006.

DIAS, João Paulo Freire. **Frei Caetano de San Léo e o Sermão sobre O Inferno (1895-1912)**. Monografia – São Cristóvão/SE: UFS, 2005.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras 1989.

___ “O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico”. In **A Micro-História e Outros Ensaio**s. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MARCHI, Euclides. **“A Igreja e a Questão Social: o Discurso e a Práxis do Catolicismo no Brasil (1850-1915)”**. (Tese de Doutorado); Universidade de São Paulo; 1989.

MARINO, Frei Gregório de S. Os Capuchinhos na Bahia. In: **Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia**. Volume IV, Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial. Bauru, SP:EDUSC, 2003.

REGNI, Pietro Vittorino. **Os Capuchinhos na Bahia. Os capuchinhos das Marcas e a Fundação da Província de N^a. S^a. da Piedade – I da Prefeitura à Custódia (1892 a 1837)**. Volume III. Trad. Agatângelo de Crato (Frei), Salvador: Impressão Gráfica Editora, 1991.

SOUSA, Antonio Lindvaldo. “Da História da Igreja à História das Religiosidades no Brasil: uma reflexão metodológica. In: **Temas de Ciências da Religião**. Cícero Cunha Bezerra (Org.) São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

____ **Um Porta-Voz da Romanização do Catolicismo Brasileiro: silêncios e conflitos na administração de D. José Thomaz na Diocese de Aracaju (Se)- 1911-1917**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis/SP, 2005.

ZAGONEL, Frei Carlos Albino (Org.). **Capuchinhos no Brasil**. RS: Edições EST, 2001.

TIPOLOGIA DAS FONTES

Fontes primárias:

Arquivo Histórico Nossa Senhora da Piedade - Frades Menores Capuchinhos da BA/SE

Livro de Registros das Missões e Retiros (1712-1980).

Caderno de Memórias Frei Caetano de San Leo. Caixa A 38.